

## O DISCURSO SEXISTA E A CONSTRUÇÃO DA IDEIA DE FRAGILIDADE FEMININA EM MATERIAIS IMPRESSOS

### SEXIST DISCOURSE AND THE CONCEPTION OF FEMININE FRAGILITY IDEA IN PRINTED MATERIALS

Neila Priscila dos Santos Costa<sup>1</sup>

#### Resumo:

Esta pesquisa de iniciação científica (PIBIC) buscou investigar a construção da ideia de fragilidade feminina a partir dos discursos veiculados em materiais impressos (textos de revistas, panfletos, outdoors e livros/manual) correntes na cidade de Salvador, Bahia, no ano de 2013. Seu aporte teórico aponta para os debates empreendidos nos campos da Linguística Aplicada Crítica, dos Estudos Culturais, Estudos de Gênero, Feminismos e a partir de propostas teóricas e metodológicas do campo dos Estudos Críticos do Discurso. Os dados analisados revelam uma fragilidade construída a partir da associação do feminino a símbolos de passividade e domesticidade, mas também a partir de um processo pedagógico sociocultural e histórico de significação, construção de sentidos, tendo como base os atributos designados ao gênero feminino durante a história, reforçados por textos vários, através do uso de itens lexicais, construções frasais, significados e símbolos culturais como Maria, Eva, dentre outros, que se perpetuam a partir de conceitos normativos provindos de instituições hegemônicas e detentoras de poder como a igreja, o estado e as instituições de ensino. O discurso sexista, portanto, age na construção do feminino e da sua fragilidade de forma a enclausurar o sujeito mulher no âmbito do doméstico, impedindo que ela se articule, participe da esfera pública, socialize, enfraquecendo assim suas possibilidades de emancipação, fortalecimento de vínculos e enquanto sujeito social.

**Palavras-chave:** Discurso; sexismo; identidades; feminino; poder.

#### Abstract:

*This scientific initiation research sought to investigate the building process of the idea of feminine fragility from the discourses conveyed in printed materials (texts of magazines, pamphlets, billboards and books / manual) that circulated in the city of Salvador, Bahia, in the year of 2013. Its theoretical contribution points to the debates undertaken in the fields of Critical Applied Linguistics, Cultural Studies, Gender Studies, Feminisms and also theoretical and methodological proposals from the field of Critical Discourse Studies. The analyzed data reveal a*

---

<sup>1</sup> Mestra em Língua e Cultura pelo PPGLinC da Universidade Federal da Bahia (2017). Doutoranda em Linguagem, Cognição e Discurso pelo PPGLinC/UFBA. E-mail: neila\_priscila@yahoo.com.br

*fragility built from the association of the feminine with symbols of passivity and domesticity, but also from a sociocultural and historical pedagogical process of signification, construction of meanings, based on the attributes assigned to the feminine gender during history, reinforced by various texts, through the use of lexical items, phrasal constructions, cultural meanings and symbols such as Maria, Eva, among others, which are perpetuated from normative concepts stemming from hegemonic institutions and power holders such as the church, state and educational institutions. Sexist discourse, therefore, acts shaping the feminine itself and its fragility in order to enclose it, in the figure of women, in the domestic sphere, preventing her from socially articulating, from participating in the public sphere, thus weakening her possibilities of emancipation and empowerment as a social subject.*

**Keywords:** *Discourse; sexism; identities; feminine; power.*

## **Introdução**

Na Grécia Antiga, as mulheres estavam impedidas de participar da vida política, científica, artística e cultural, salvo casos de algumas aristocratas. O espaço doméstico e os afazeres correlatos eram as possibilidades primordiais de vivência feminina. Assim, a cultura grega, mas também as culturas latina e judaico-cristã reforçaram a participação da mulher como serva e atrelaram a história da mulher à figura masculina, como vemos no gênesis a história de Adão e Eva, que responsabiliza categoricamente a mulher pela perda do paraíso e a representa como sendo parte da costela de Adão.

Esse modelo cristão, da mulher responsável pelos pecados do homem, da mulher submissa e subalterna, que deve expressar delicadezas e fragilidades no seu modo de agir e falar, que precisa ser protegida e que tem como função exclusiva a maternidade, cuidar dos filhos, do marido e do âmbito doméstico, se limitando muitas vezes a esse contexto, se perpetua pelo tempo de diversas formas, desde a configuração das brincadeiras e histórias infantis, a trabalhos e papéis sociais ditos femininos, como é o caso da dona de casa, enfermeira, cozinheira, empregada doméstica, professora, assistente social, etc., trabalhos que remetem à questão do cuidado, do auxílio, e que se vinculam, em sua maioria, direta ou indiretamente, à ideia do privado. Conforme Ayales (1996, p.13 apud Macedo e Sardenberg, 2011, p. 33):

[...] essa maternidade biológica foi acompanhada de uma maternidade social, que se estendeu a atividades como lavar a roupa, cozinhar, varrer, costurar e toda uma série de trabalhos quase inumeráveis, que comprometem grande parte do tempo das mulheres (AYALES, 1996, p. 13 apud MACEDO; SARDENBERG, 2011, p. 33).

Importante frisar que o trabalho executado pela dona de casa, que acontece no âmbito do privado e que compreende várias tarefas executadas consecutivamente como lavar roupas, pôr no varal, recolher do varal, lavar os pratos, o banheiro, cozinhar, varrer o chão, limpar os móveis e janelas, retirar o lixo, organizar os cômodos, etc., não recebem o mesmo tratamento e reconhecimento social que outros trabalhos recebem, sobretudo aqueles executados por homens, além de não ser remunerado e de muitas vezes ser romantizado, sob a justificativa do sentimento.

Tais atividades são vistas como inerentes, quase naturais, exclusivas da mulher (dona de casa), que deve todos os dias repeti-las operacionalmente, ofício este que também acarreta problemas de saúde e que impede esse sujeito muitas vezes, devido ao tempo despendido para a realização dessas atividades, de se dedicar a uma atividade outra, intelectual, artística, de conhecer pessoas e novos espaços que enriqueçam e fortaleçam suas relações e vínculos sociais. Por ser também um trabalho não remunerado, o vínculo de dependência com um outro, abastecido financeiramente, é estabelecido, limitando seu escopo de ações num mundo que é regido majoritariamente por um sistema socioeconômico neoliberal. Segundo Macedo e Sardenberg (2011):

Vale observar que as brincadeiras infantis, ou mesmo os brinquedos oferecidos às crianças, trazem imbricados as ideologias de gênero e os papéis sexuais atribuídos a homens e mulheres. Meninas brincam de ‘casinha’ com bonecas, panelinhas, fogõezinhos e outras miniaturas de objetos utilizados nas ‘tarefas domésticas’, sendo assim modeladas e treinadas para a maternagem e para assumirem, na vida adulta, o papel de boas mães e donas-de-casa. Pouco se lhes oferece em termos de brincadeiras ou brinquedos que incentivem o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, físicas e de liderança, ou que preparem-nas para uma vida profissional. São treinadas, desde cedo, para a ‘domesticidade’, ou então, para ocupações que são majoritária e tradicionalmente tidas como ‘femininas’: professoras primárias, enfermeiras, secretárias, assistentes sociais (MACEDO; SARDENBERG, 2011, p. 41).

As análises discursivas e textuais a seguir, buscam desvelar a (re)produção desses paradigmas e convenções que mais reforçam assimetrias e reposicionam os sujeitos em lugares de privilégio ou desfavorecimento. É importante tomar conhecimento sobre os (re)produtores desses discursos e textos, que são organismos

de grande influência na vida dos sujeitos, como o Estado, a mídia em suas publicidades e outras produções, bem como corporações que trazem imbricados em suas ideologias, imaginários e mentalidades que reproduzem não somente o sexismo, mas o racismo e outras formas de produção e estabelecimento de assimetrias e discriminação. Portanto, seguindo também a proposta de Fairclough (2001), de se analisar a produção, distribuição e consumo desses materiais, deve-se perguntar: quem produz? qual sua posição social? por que produz? como produz? que elementos utiliza? que intenções existem ali? para quem produz? qual função social e força potencial? Muitas são as perguntas, pois se reconhece que “há luta na estruturação de textos e ordens de discurso, e as pessoas podem resistir às mudanças que vêm de cima ou delas se apropriar, como também simplesmente as seguir” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 28).

A próxima seção consta da análise de dados referentes aos materiais impressos e coletados na cidade de Salvador, no ano de 2013, são textos de outdoor, panfleto e manual, coletados em vias públicas, livraria e centros comerciais da cidade de grande circulação de pessoas e veículos. O aporte teórico-metodológico parte dos Estudos Críticos do Discurso, sobretudo pelo viés da Análise de Discurso Crítica, e buscou estudar e entender a prática discursiva, como propõe Fairclough, a partir da sua produção, distribuição e consumo, bem como o uso e o sentido das palavras ali presentes, pois que “diferentes discursos ‘lexicalizam’ o mundo” (FAIRCLOUGH, 2003 apud RESENDE; RAMALHO, 2013, p. 72).

O foco na análise das escolhas lexicais é proposital, pois, além de se tratar de publicidades de rápido acesso, elas destacam tipograficamente tais itens, que também são reveladores de posições assumidas pelos sujeitos sociais ali representados.

Os discursos são manifestados nos modos particulares de uso da linguagem e de outras formas simbólicas, tais como imagens visuais [...]. Os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as ‘constituem’; diferentes discursos constituem entidades-chave (sejam elas a ‘doença mental’, a ‘cidadania’ ou o ‘letramento’) de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais (por exemplo, como médicos ou 73 pacientes), e são esses efeitos sociais do discurso que são focalizados na análise de discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22).

## 1. Análise de dados

### 1.1. Texto de *outdoor*

Nesta seção, os dados coletados e analisados remetem a textos de *outdoor*, produzidos pelo governo do Estado da Bahia ao final do ano de 2013, para desejar um feliz 2014 à população de Salvador e que ao mesmo tempo consistem na promoção do próprio governo do Estado, através da publicação dos números que correspondem aos feitos realizados até aquele momento.



Nota-se nos três *outdoors* (figuras 1, 2 e 3) em que a figura feminina aparece que ela carrega as seguintes palavras: *segurança*, *moradia* e *hospitais*. Em contraposição, a figura masculina que aparece em outros três *outdoors* (figuras 4, 5 e 6) da mesma campanha publicitária carrega as palavras: *estradas*, *Fonte Nova* e *empresas*.

Segurar e/ou carregar são termos que definem o comportamento das pessoas nas propagandas desses *outdoors* (figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6), embora elas também estejam sorrindo. Seus significados no dicionário Aurélio constam das seguintes definições

pertinentes a este estudo, ressaltando a importância dos elementos imagéticos na construção discursiva da publicação do governo do Estado da Bahia:

Carregar: v.t. Colocar uma carga em algum lugar / Encher, guarnecer / Colocar a carga / Fig. Impor excesso de responsabilidade. / Oprimir, gravar; Segurar: v.t. Pôr no seguro / Sustentar: segurar um livro nas mãos. / v.pr. Sustentar-se, firmar-se, suster-se (AURÉLIO ONLINE, 2014).

Dois dicionários, Michaelis (2007) e Aurélio Online (2014), foram escolhidos para o estudo dos significados das seguintes palavras: segurança, moradia, hospital, estradas, estádio (Fonte Nova) e empresas. São dicionários de acesso comum, sendo o Aurélio uma das principais sugestões do buscador *Google*, permitindo o acesso *online*. A quantidade de dicionários foi estabelecida para contrastar os sentidos, uma vez que o foco das análises é, principalmente neste primeiro material coletado, o léxico. As seguintes reflexões sobre seus significados e sinônimos que circulam no contexto sociocultural nos permite as seguintes considerações:

Segurança	Moradia	Hospitais	Estradas	Fonte Nova (Estádio)	Empresas
Estado do que se acha seguro; garantia. Proteção. Certeza, confiança, firmeza, infalibilidade.	Lugar onde se mora, casa de habitação; domicílio, residência.	Estabelecimento onde se recebem e se tratam doentes.	Caminho mais ou menos largo para trânsito de homens e veículos; via de tráfego. Caminho, direção.	Arena para jogos públicos. Lugar onde se realizam competições esportivas, com arquibancadas para o público.	Empreendimento, cometimento, negócio, Organização do capital e do trabalho, empenhada em atividade econômica.

Tabela 1. Fonte: Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa

Segurança	Moradia	Hospitais	Estradas	Fonte Nova (Estádio)	Empresas
Situação do que está seguro; afastamento do perigo.	Habitação, casa, espaço doméstico.	Tratamento e cuidado de doentes.	Liga uma localidade a outra, e pelo qual transitam pessoas, animais, veículos; caminho.	Campo com instalações destinadas a competições esportivas; diversão, prazer, socialização.	Empreendimento, unidade econômica de produção, negócios, comércio, dinheiro.

Tabela 2. Fonte: Dicionário Aurélio Online

Estudar os significados mostrados nos *outdoors* através dos itens lexicais é importante, pois evocam construções discursivas que são sustentadas pelo seu contexto sociocultural, histórico, político e as instituições que fazem parte desse contexto. Tais elementos participam do que Van Dijk chama de macronível:

Ora, se o discurso não é um objeto autônomo, então não é suficiente analisá-lo apenas no nível linguístico, ao qual van Dijk se refere como micronível da escrita e da fala. A análise de entonações, palavras, estruturas sintáticas e gêneros textuais escolhidos pelos usuários da língua é, sim, muito importante. Entretanto, a análise dessas estruturas discursivas não basta. Afinal, se o discurso resulta de uma interação social, histórica, cultural e politicamente situada, é necessário analisarem-se também as relações que as categorias do micronível estabelecem com as categorias daquilo que van Dijk chama de macronível social ou estruturas sociais, como, por exemplo, família, escola, corporações midiáticas, posições de poder, movimentos sociais e instituições governamentais (DIJK apud OLIVEIRA, 2013, p. 314).

Influenciados pelas propostas ideológicas das estruturas e instituições sociais, pelo que compõe o macronível, os usuários da língua produzem discursos que reforçam tais ideologias. Van Dijk ainda comenta que as estruturas sociais não determinam mecanicamente a fala dos sujeitos em dada situação, para ele, tais estruturas se relacionam com as estruturas discursivas de maneira indireta e são mediadas pelo conceito sociocognitivo de contexto, que é a representação mental dos elementos linguísticos e extralinguísticos em interação, através da qual produzem e compreendem textos escritos e falados (DIJK apud OLIVEIRA, 2013).

[...] o contexto é a representação social que os participantes do discurso fazem da situação comunicativa, sendo que essa representação é construída com base nos esquemas mentais dos participantes [...]. Vale lembrar que, para van Dijk (2006a), os modelos mentais representam as experiências das pessoas e povoam a sua memória episódica [...] e a sua memória semântica (DIJK apud OLIVEIRA, 2013, p. 317).

Essas representações estão munidas de ideologias, sua concretização está nas ações sociais divulgadas em discursos reais de grupos, instituições e organizações que fazem uso delas e tratam de divulgá-las por meio de práticas discursivas, para que elas se mantenham vivas e captem novos membros. Dessa forma os grupos se unem e se identificam, fortalecendo a sensação de poder em torno de algo que defendem. A

produção de um discurso de potência e unificado, que se autoqualifica e se autovaloriza, exclui e desvaloriza aqueles que não o integram (GIL, 2012).

A produção desse discurso polarizado acontece a partir de estruturas discursivas, tais como os temas, estruturas formais, coerência, paráfrase, exemplos e ilustrações, seleção lexical, dentre outros recursos. Nesse estudo, a seleção lexical se mostra relevante para a análise dos textos apresentados nos *outdoors*, uma vez que os itens lexicais ali carregados pelos sujeitos em questão, no corpo do anúncio, se associam diretamente à figura feminina e masculina. E sendo o léxico uma forma de categorização dos seres, do mundo e dos objetos do mundo, é possível entender através de seu estudo, como se perpetuam modelos, ideias, valores, costumes.

O conjunto de unidades lexicais de uma língua espelha, portanto, a experiência humana acumulada [...]. Atualizadas no discurso, essas unidades revelam valores ideológicos e visões de mundo dos sujeitos da enunciação, explicitando qual é a percepção que os enunciadores do discurso têm da realidade (GIL, 2012).

Nas figuras dos *outdoors* em que as mulheres aparecem, as palavras ‘segurança’, ‘hospitais’ e ‘moradia’ ocorrem, associadas, portanto, à imagem feminina, e concordam com representações e valores sustentados pela figura de uma mulher que cuida, que está dentro do âmbito privado, do doméstico, uma certa mulher da Grécia Antiga ou mesmo aquela retratada pelo viés cristão. Através do item lexical ‘segurança’, pode-se interpretar esta figura feminina como sendo o alvo da segurança, aquela que necessita ser protegida, e não aquela que protege, o agente, primeiro porque não está fardada, o que empregaria explicitamente o seu agenciamento, mas mais importante ainda, pode-se, a partir da análise de conjuntura, constatar que o agente da segurança pública nas sociedades brasileiras reflete majoritariamente um perfil masculino, haja vista a quantidade de vagas disponíveis para homens para o serviço deste setor. O segundo item lexical ‘hospitais’ atualiza o papel de uma mulher responsável pelos cuidados e pela saúde; podemos pensar também que há uma demanda pela saúde da mulher, a demanda por uma mulher saudável e bem cuidada não somente para fins próprios, mas para atender às demandas de um outro; e, por fim, o terceiro item lexical ‘moradia’ ligando-se aos dois primeiros itens, completa a ideia de domesticidade à qual a mulher tem sido constantemente associada. A mulher

que segura a palavra ‘*moradia*’, segura, portanto, a carga do residencial, da habitação, sendo a responsável pelo espaço doméstico.

Nas figuras dos *outdoors* em que as palavras ‘*Fonte Nova*’ (estádio de futebol), ‘*empresas*’ e ‘*estradas*’ ocorrem, desta vez carregadas por homens e associadas comumente à figura masculina, têm como qualidades reforçadas a virilidade, a liderança, a liberdade e a independência, tais itens lexicais concordam com representações e valores sustentados pela figura do homem grego, olímpico, forte, notável, pela figura do homem através do viés cristão, o líder da família, aquele que detém poder sobre a esposa e os filhos, que frequenta os círculos sociais, trabalha e, por isso, detém capital, e também pela figura do homem atual, vide os textos e imagens dos *outdoors*. O primeiro item lexical ‘*Fonte Nova*’ ou ‘*estádio*’, por se referir ao estádio de futebol Arena Fonte Nova em Salvador, retoma a ideia do homem olímpico, que pratica esportes, que é forte e, portanto, detém força física, e que por deter esse poder físico, se destaca, porque é um atributo admirado, reforçado e exaltado socialmente. É possível pensar também o ‘estádio de futebol’ como espaço público de socialização, interação, diversão e prazer, possibilitando à figura masculina conhecer pessoas, conversar, trocar conhecimento, se divertir, conhecer novas perspectivas que enriqueçam e fortaleçam suas relações e vínculos sociais. É importante lembrar que, em muitos momentos da história, não somente na Grécia Antiga, de que tanto nos valem como uma das referências, somente homens, não servos, com exceções de mulheres aristocratas, ainda assim poucas e invisibilizadas no período em que viveram como Safo de Lesbos, Aspásia de Mileto, etc., tinham acesso ao espaço público e poder sobre ele, à ágora, aos debates teóricos e políticos e à construção de saberes, como podemos evidenciar nas práticas de debates dos círculos filosóficos de que temos registro.

O próximo item lexical, ‘*empresas*’, carregado pela figura masculina, atualiza a ideia do homem detentor de capital, aquele que carrega o capital, e, portanto, é independente, dentro da perspectiva do sistema socioeconômico capitalista, detentor de empreendimentos, negócios, comércios, dinheiro. O último item lexical aqui analisado é ‘*estradas*’, que intercruza significados como: caminho, direção, lugar que liga uma localidade à outra, e pelo qual transitam pessoas, animais, veículos. A este item, conectam-se as ideias de mobilidade, liberdade, direção, direcionamento,

caminhos que levam a outros, independência, movimento, mudança, exprime a possibilidade de viajar e conhecer lugares, culturas e pessoas novas. É pela estrada que circulam pessoas, veículos, animais, objetos, saberes.

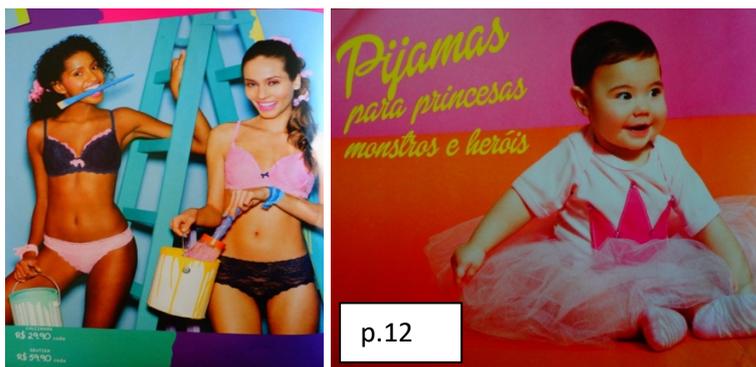
Estas análises nos mostram representações do feminino e do masculino que são reforçadas e perpetuadas desde tempos remotos através de textos e discursos, em que a figura feminina esteve associada à fragilidade, à domesticidade, à passividade, subalternidade e submissão, sobretudo, à figura masculina. As atividades femininas direcionam-se exclusivamente para o lar e a família, são atividades que pouco estimulam o desenvolvimento físico da mulher; o quesito domesticidade, muito observado na análise desses textos é força motriz da ideia de fragilidade feminina, uma vez que dificulta, principalmente, o fortalecimento das relações e vínculos sociais do sujeito domesticado, limita seu espaço de atuação e seu desenvolvimento intelectual, cultural, artístico, impede seu desenvolvimento financeiro e sua autonomia neste e outros quesitos, bem como limita sua liberdade. A fragilidade feminina, portanto, nessa análise aponta para a não autonomia, a não emancipação da figura feminina, na imagem da mulher nos *outdoors*, dentro dos aspectos acima expostos.

A representação dos atores sociais é foco das análises nesse trabalho, não diferente, a seguir focaliza-se a análise da propaganda via panfleto e discute-se um pouco mais sobre os papéis de gênero ali desenhados através das imagens, cores, dos sujeitos em questão e seus enquadramentos na arte gráfica, bem como o material linguístico presente e associado a eles. É importante também observar, além da produção (quem produz? como? que elementos utiliza?), sua distribuição (é coletiva ou individual? a quem se direciona? quais intencionalidades? onde esses panfletos são distribuídos?) e seu consumo (é coletivo ou individual? qual sua proporção e quais seus efeitos? qual sua força potencial?).

## **1.2. Texto de panfleto**

Os textos dos panfletos selecionados são de cunho publicitário e foram obtidos na maior avenida comercial da cidade, Avenida 7 de Setembro. Referem-se a produtos de vestuário, objetos para casa, joias, roupas íntimas e outros acessórios pessoais. A maioria dos textos coletados, bem como as imagens a eles agregadas, atualizam,

também no quesito imagético, o papel da maternidade, da associação com a beleza, higiene feminina, moda e da mulher dona de casa. Quanto ao texto propriamente dito, o único escolhido para a análise neste artigo foi um livreto publicitário da marca Puket (ver figuras a seguir), de roupas íntimas, pijamas e outros acessórios pessoais, por apresentar mais material linguístico para a análise.



p.12



p.6



p.13

//



p.12

p.7

Recortando a análise para a página 12 do livreto, tem-se a seguinte frase: “Pijamas para princesas, monstros e heróis”, ao lado da frase há um bebê vestido com uma blusa de pijama rosa em que há uma estampa de coroa de realeza, uma saia de bailarina e meias, também rosas.

Se há pijamas para princesas, monstros e heróis, pode-se concluir pelos elementos aí expostos que este bebê corresponderia à categoria “princesas”, uma vez que a formação discursiva por trás do que vem a ser uma princesa traz justamente os elementos da realeza, a coroa estampada, mas não se iguala a um príncipe, pois traz elementos que são associados socialmente ao universo do feminino, como a cor rosa, a saia de bailarina. Aqui é importante questionar previamente o porquê este sujeito não se encaixaria nas duas outras classificações, de monstros e heróis, que elementos os diferenciam? Na página seguinte (13) constam duas fotos dos produtos: meias e blusa com estampas *Frankenstein* e múmia, e logo abaixo há três crianças, dois meninos vestidos com conjuntos de pijamas de estampa “caveira” e o outro com pijama de estampa “dinossauro”, há também uma menina vestindo um pijama de estampa nomeada “morango” na publicação.

Para esta análise, pode-se retomar algumas ideias sobre os textos de *outdoor* que consideram os itens lexicais evocativos das construções discursivas sustentadas pelos seus contextos sociocultural e histórico, e que estão, de certo modo, condicionados às ideologias das instituições que detêm poder socialmente, bem como reproduzindo discursos que reposicionam sujeitos e grupos em posições subalternizantes, supervalorizando outros. Ademais, se agregarmos a esta análise, o fato de que, no âmbito das relações de gênero, mais precisamente nas relações entre homens e mulheres em nossa sociedade, considerando o caráter binário ainda impregnado para o tratamento dessas questões, – embora esse binarismo seja constantemente questionado por estudiosas(os) e teóricas(os), sobretudo pós-estruturalistas – pode-se depreender que apontam para relações visivelmente assimétricas e desiguais, em que se pode esboçar características, atributos ou elementos que se localizam em polos dicotômicos, em que um polo é o valorizado socialmente enquanto o outro é desqualificado. Conforme Ayales (apud Macedo e Sardenberg, 2011, página):

Se tomarmos em conjunto as características que socialmente são atribuídas aos homens em comparação às mulheres, pode-se comprovar que cada uma tem sua contrapartida no outro polo. Homens e mulheres em nossa sociedade se complementam a partir de relações assimétricas e desiguais. Por exemplo, mantém-se a noção de que para umas pessoas serem fortes as outras devem ser fracas, para que uns dominem, outros devem ser dominados. Desta maneira,

instauram-se relações de poder com base na assimetria e na negação de uns em termos do outro (AYALES, 1996, p. 21 apud MACEDO; SARDENBERG, 2011, p. 40).

A palavra “*love*” (amor), na página 6, a frase “amor e sorte o ano todo!!!”, na página 7, a palavra “princesa” da frase “Pijamas para princesas, monstros e heróis”, e na página 13 a palavra “morango” associada ao pijama-vestido na descrição do produto, são elementos que estão diretamente ligados à figura feminina na publicidade. Aqueles que aparecem associados às palavras “monstro”, “*Frankenstein*”, “caveira”, “dinossauro”, “múmia” e vestem roupas com estampas relativas a essas palavras, apontam para uma figura socialmente dita masculina. Vale ressaltar que a palavra “heróis” também se associa mais comumente à figura masculina, mesmo não fazendo referência à imagem masculina neste livreto.

Assim, observa-se o delineamento de atributos ditos femininos e atributos ditos masculinos. Aos atributos ditos femininos as ideias de amor, de sentir amor, bondade, delicadeza, a ideia de princesa, que é socorrida por um príncipe ou ainda que desperta do sono eterno e profundo após ser beijada pelo príncipe, como é o caso da Bela Adormecida; da princesa Cinderela que disputa com outras mulheres e com as próprias irmãs a escolha do príncipe, uma vez que o seu pé encaixe no sapato, sustentando a ideia de objetificação da mulher e rivalidade entre mulheres. Esses são dados que nos auxiliam no entendimento dos significados e da construção de sentidos contidos no livreto e que circulam nos esquemas mentais dos sujeitos, dando manutenção a um modelo de mulher frágil, delicada, bondosa, gentil, disponível. Por outro lado, temos os termos associados à figura masculina, comumente tida como viril, forte, violenta, agressiva, rude, heroica, que detém poder.

Neste livreto, pode-se também pensar sobre a ideia de morte ligada às palavras “caveira”, “múmia” e “*Frankenstein*”, e sobre como a simbologia da morte que rege os esquemas mentais de indivíduos de sociedades enraizadamente cristianizadas, liga-se às ideias de ameaça, dor, sofrimento, extermínio, castigo, juízo final. Nesse sentido, tais características evocam sentimentos de terror e medo que, somados aos atributos: violento, forte, agressivo, rude, esboçam os meios usados, por exemplo, pelo Estado, através das forças militares, como forma de coerção, controle e manipulação. Essas características que fazem parte da construção do imaginário social sobre os gêneros em

discussão e suas relações, estabelecem, socioculturalmente e através da história, significados que se atualizam no discurso e são atravessados por relações de poder. Sobre isso Macedo e Sardenberg (2011) comentam que:

A categoria gênero, como um dos principais elementos articuladores das relações sociais, vai nos possibilitar a compreensão acerca de como os sujeitos sociais estão sendo constituídos cotidianamente por um conjunto de significados impregnados de símbolos culturais, conceitos normativos, institucionalidades e subjetividades sexuadas (Scott, 1988) que atribuem a homens e mulheres um lugar diferenciado no mundo, sendo essa diferença atravessada por relações de poder que conferem ao homem, historicamente, uma posição dominante (MACEDO; SARDENBERG, 2011, p. 39).

É nesse cenário que podemos pensar também a construção da fragilidade feminina a partir de um processo sociocultural, pedagógico e histórico de significação, construção de sentidos, tendo como base os atributos concedidos aos gêneros em questão desde tempos remotos, reforçados por contos de fadas, textos orais e escritos, imagens publicitárias, através das escolhas de itens lexicais, construções frasais, significados e símbolos que se perpetuam a partir do que Scott (1988, p. 86) chama de conceitos normativos, provindos de instituições hegemônicas e detentoras de poder como a igreja, o Estado, a escola.

O Estado enquanto instituição de poder, reproduz seus discursos através dos seus aparelhos, como a exemplo, as corporações militares. E é sobre as produções simbólicas desses organismos, buscando entender seus conceitos normativos que o próximo material analisado foi extraído de um manual publicado por militares do estado de São Paulo, e que é discutido a seguir.

### 1.3. Texto de livro / manual

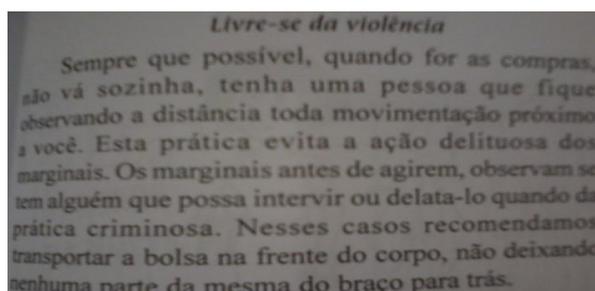


Figura 1

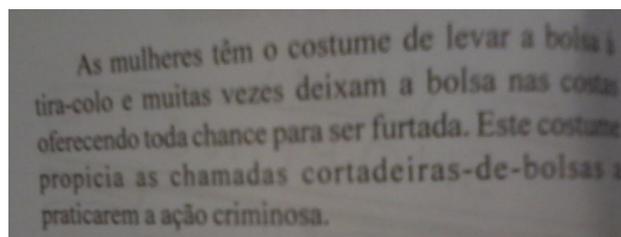


Figura 2

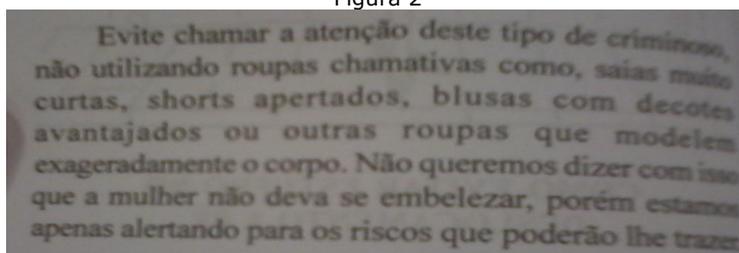


Figura 3

Para esta análise foram consideradas algumas categorias de análise propostas por Fairclough em seu livro *Discurso e mudança social* (2001), no que se refere à prática discursiva, o texto e a prática social. Os dados analisados foram trechos retirados do manual “Livre-se da Violência”, de Pedro Coan e Roberto Souza, coletados em uma livraria da cidade de Salvador no mês de janeiro de 2014. As partes selecionadas são:

1. “Sempre que possível, quando for às compras, não vá sozinha, tenha uma pessoa que fique observando a distância toda movimentação próximo a você” (Figura 1).
2. “As mulheres têm o costume de levar a bolsa a tira-colo e muitas vezes deixam a bolsa nas costas oferecendo toda chance para ser furtada.” (Figura 2).
3. “Evite chamar a atenção deste tipo de criminoso, não utilizando roupas chamativas como, saias muito curtas, shorts apertados, blusas com decotes avantajados ou outras roupas que modelem exageradamente o corpo” (Figura 3).

Nesta análise, o contexto de produção, sua distribuição e consumo, ligadas às ideologias contidas, bem como pressuposições propostas pelos autores são de grande relevância, uma vez que o discurso constrói identidades, sujeitos sociais e contribui não só para a transformação, mas para a reprodução de padrões e normas hegemônicas e desiguais. Os autores do manual são militares do estado de São Paulo, informação que consta na publicação. É um manual publicado em 2007 e foi vendido numa livraria de grande porte na cidade de Salvador, na seção nomeada “Sociologia”. “Livre-se da violência” é o título do manual, dividido em capítulos que tratam de diferentes tipos de

crime, seguidos de dicas de como evitar ser alvo desses crimes. É válido frisar desde já o uso repetido pelos autores do verbo “evitar” nas seções lidas e analisadas, que será comentado no decorrer desta análise.

A figura 1, acompanhada das figuras 2 e 3, está direcionada ao público feminino, pelo uso de ilustração e referência no próprio texto às mulheres. Na figura 1, a escolha lexical feita pelos autores, reforça o estereótipo da figura feminina consumidora: “quando for às compras” em vez de “quando sair”, porque mulheres não são estupradas unicamente quando vão às compras, nem mesmo quando saem para algum lugar, há estupros que acontecem dentro do próprio domicílio, pelos seus companheiros, o conhecido estupro marital, ou mesmo por figuras masculinas do seu convívio. Em seguida, a frase “não vá sozinha” incita a ideia já discutida nas análises anteriores de que a mulher precisa de um segurança, de ser acompanhada, escoltada e vigiada durante seu dia. Observa-se que o recado está sendo dado diretamente à leitora, de forma imperativa: “**não vá sozinha**”, como se fosse uma advertência, uma espécie de “não faça”, pois pode haver consequências, o que também implica pensar que se ela for sozinha mesmo assim, pois que constitui uma escolha e um direito dela enquanto cidadã andar pela cidade e pela via pública, sem acompanhamento de ninguém, é possível que seja responsabilizada pela sua escolha, mesmo detendo em teoria o direito de ir e vir.

Nesse sentido, é preciso estender a análise e perguntar que função executa um manual no universo das relações sociais. Algumas de suas principais tarefas são: ensinar a executar uma atividade, instruindo na realização, que julga correta, das ações, a exemplo da instalação ou entendimento do funcionamento de um aparelho. A não execução das sugestões contidas no manual, como é o caso do que está em análise, pode levar a uma ação incorreta, ao mau funcionamento de um aparelho, para retomar o exemplo anterior.

É interessante ressaltar o uso repetido dos seguintes imperativos: “não vá sozinha”, “evite chamar atenção”, que corresponderiam às etapas de instrução de um manual para se atingir um objetivo, como montar um equipamento. “Ir sozinha” e “chamar a atenção” podem, então, ser interpretadas como ações incorretas, que fogem às instruções do manual “Livre-se da violência”, e que pode ocasionar danos, como consequência da ação não obedecida nas instruções. Os autores determinam e

associam o fato de “chamar atenção” à ação da mulher se embelezar ou usar determinadas roupas, colocando o agenciamento nela de “chamar a atenção”. Sobre a culpabilização da vítima, Van Dijk defende, tendo como base seus estudos sobre o racismo e os abusos da instituição policial, que estratégias fortes de escusa, envolvem alegar provocação e mesmo, culpa da vítima (DIJK, 2010, p. 164). Estas são formas não somente de justificar ações abusivas por parte da polícia e outros organismos, mas também denunciam sua própria inoperância na lida e no enfrentamento de violências contra vítimas de todo tipo de abusos e agressões.

Certamente, não podemos falar sobre culpabilização da vítima, violência de gênero, subalternização e desqualificação das mulheres, sem entender o conceito de sexismo, afinal, é a partir de uma mentalidade sexista que as produções analisadas neste artigo se sustentam. Assim, entende-se sexismo aqui como expressão correlata de violência, “uma posição, ou uma postura misógina [...]. Sexismo é atitude de discriminação em relação às mulheres” (SMIGAY, 2002, p. 34), e que mais ainda, “inscrita numa cultura falocrática, impregna o imaginário social e o prepara a um vasto conjunto de representações socialmente partilhadas, de opiniões e de tendência a práticas que desprezam, desqualificam, desautorizam e violentam as mulheres, tomadas como seres de menor prestígio social” (SMIGAY, 2002, p. 34). Esta perspectiva não se diferencia da mentalidade racista, quando prevê e executa a discriminação e o apagamento de sujeitos.

Embelezar-se e usar roupas curtas funcionam, para os autores do manual, mas também para a instituição que na figura deles é representada, meio de chamar a atenção “deste tipo de criminoso”, pois entende-se este sujeito como tendo um impulso sexual incontrolável ou mesmo natural, e que investido de instinto, é estimulado pela mulher através de roupas e de seu embelezamento, retirando, assim, a culpa do real criminoso e reforçando-a na vítima, sob o dito “o provocou”.

A carência de problematização nos textos em análise associa peças de roupas à situação de estupro e não a uma mentalidade e cultura sexistas nas quais mulheres têm que se submeter todos os dias e que sustentam ações por parte dos reais criminosos. Ao se tomar como base de comparação as mulheres que usam burca, vestimenta em que somente os olhos estão visíveis, e que também são mulheres que são assediadas e estupradas em suas culturas, pergunta-se se de fato o problema está na roupa ou na

mentalidade sexista vigente. Ou ainda, se pensarmos que homens caminham muito confortavelmente sem camisas, quase seminus em nossas sociedades, pelas ruas e em muitos estabelecimentos, até mesmo com roupa de banho e ainda assim, não são estuprados, devemos novamente nos perguntar se são mesmo as roupas ou a mentalidade sexista vigente aquela que sustenta a prática do estupro. Essa ideia trazida pelos autores é ainda mais problemática, uma vez que sugere que as mulheres não são livres para circularem sozinhas pelos lugares e que cabe a essa coletividade (mulheres) seguir as instruções do manual, transferindo a responsabilidade para elas, as vítimas, caso de fato venham a ser em alguma situação.

Sobre a frase da figura 2, observa-se uma nominalização: “as mulheres”, que tem como função não especificar o participante, mas indicar a voz de quem está falando, uma vez que não se inclui no grupo nominalizado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 227). É importante notar a generalização criada com base na nominalização em questão. Em seguida na frase “as mulheres têm o costume de levar a bolsa a tira-colo”, observa-se um agenciamento que atribui responsabilidade às mulheres pelo ato “ter costume de levar a bolsa a tira-colo”, como se não fosse de direito dela, levar a bolsa dela onde quer que ela deseje; mais adiante no texto eles recomendam transportar a bolsa na frente do corpo: “nesses casos recomendamos transportar a bolsa na frente do corpo, não deixando nenhuma parte da mesma do braço para trás”, sugerindo, assim, uma série de malabarismos que precisam ser adotados pelas mulheres, ao mesmo tempo em que desautoriza a forma como cada mulher leva ou deseja levar a sua própria bolsa.

Ainda na figura 2, na sentença “e muitas vezes deixam a bolsa nas costas oferecendo toda chance para ser furtada”, repete-se o agenciamento com os verbos “deixam” e “oferecendo”, refletindo uma visão da mulher culpada pelos atos de outrem, que neste caso é o criminoso. Invés de tratar do ato delituoso, os autores afastam a culpa do criminoso a todo tempo e a centralizam na vítima, o que reflete a mentalidade e imaginário da segurança pública e da corporação na figura profissional dos autores, desresponsabilizando não somente o criminoso, mas também o serviço de segurança, que dentro desta linha de raciocínio, não se responsabilizaria pela sua própria ineficácia e inoperância, pois a vítima é o tempo inteiro, diante das análises feitas, agente da sua própria má sorte e das agressões que lhes são perpetradas. A

transferência de responsabilidade é, portanto, um fato contundente e visível no manual, o que nos faz também questionar sobre o modelo de segurança pública de que dispomos. É ela, a mulher, quem deixa a bolsa nas costas oferecendo chance para ser furtada e não alguém que lhe rouba a bolsa.

Por fim, o trecho da figura 3 novamente solicita que a mulher evite realizar uma dada ação ao dizer: “Evite chamar a atenção deste tipo de criminoso”, atribuindo-lhe a responsabilidade, ou até meia culpa, no caso de *não evitar* a ação. O fato que chama atenção nesse trecho é que a mulher deve *evitar* usar certos tipos e modelos de roupas que modelem seu corpo. Mais uma vez, retomando a gênese cristã é possível pensar sobre o corpo feminino, sobre como ele tem sido representado durante a história e como a ideia desse corpo enquanto objeto de pecado e corrupção do homem tem se reproduzido nos dias atuais através de novas práticas discursivas e sociais. Sabe-se que ao contrário do corpo feminino, que na lógica cristã deve ser o escondido, ocultado, para não corromper o homem, o corpo masculino é aquele que deve ser mostrado, exaltado e reforçado, sobretudo, quando do desenvolvimento muscular, sendo atribuído a corpos de deuses e à questão olímpica. Este mesmo corpo masculino que deve ser exibido, pois é possível para eles, em nossas sociedades, andar sem camisas em muitos espaços sociais, não sofre a represália da roupa curta ou da pouca roupa. “Mas de quem foi a culpa? De Eva, claro, a tentadora sexual, a única fêmea de mamíferos que tem os peitos constantemente intumescidos, como se estivesse sempre pronta a fazer amor e a corromper o homem, um santo, claro” (POSADAS, 2001, p. 62-63 apud GIL, 2012).

O uso de “exageradamente” no trecho do texto que diz: “blusas com decotes avantajados ou outras roupas que modelem exageradamente o corpo”, sugere que o corpo da mulher até pode ser modelado pelas roupas, mas não de forma *exagerada*, dentro da perspectiva exprimida pelos autores. Mais uma reflexão que fica evidente é sobre quem estabelece o parâmetro de “muito exagerado” ou “pouco exagerado”, mas também por que o instinto animal do homem é tratado como incontrolável, sugerindo inclusive que o estado “normal” do homem é de estuprador e, portanto, as mulheres precisam empreender esforços para evitar que eles despertem esse instinto ou mesmo evitem de encontrá-los na rua. Há também o desejo expresso da parte masculina, através da fala dos autores, de visualizar o corpo da mulher modelado pelas roupas, o

mínimo que seja, pois o outro corpo oposto, aquele que descaracteriza a mulher enquanto tal, partindo da vestimenta e do embelezamento neste caso, também não é o desejável para estes sujeitos, como se este corpo, feminino ou mesmo feminilizado, estivesse a serviço da figura masculina. Um trecho seguinte ilustra essa contradição: “Não queremos dizer com isso que a mulher não deva se embelezar, porém, estamos apenas alertando para os riscos que poderão lhe trazer”; supõe-se aqui também que, mais uma vez, é uma escolha da mulher ser estuprada ou não, por não evitar o uso de determinadas roupas ou por optar se embelezar, retomando toda a discussão em torno da ideologia machista, que é reforçada e reproduzida através desse discurso, salvaguardando inclusive o indivíduo que age de forma violenta contra a mulher.

No que se refere a violência contra mulheres, os dados revelam uma realidade alarmante, que indica a necessidade da mudança de perspectiva, da transformação dos modelos sexistas que relegam à mulher, representações que reforçam tais violências. De acordo com o Mapa da Violência, 2012:

Nos 30 anos decorridos entre 1980 e 2010 foram assassinadas no país acima de 92 mil mulheres, 43,7 mil só na última década. O número de mortes nesse período passou de 1.353 para 4.465, que representa um aumento de 230%, mais que triplicando o quantitativo de mulheres vítimas de assassinato no país (FLACSO BRASIL, 2012, p. 8).

O SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação – do Ministério da Saúde) define violência sexual como “toda ação na qual uma pessoa, em situação de poder, obriga uma outra à realização de práticas sexuais, contra a vontade, por meio de força física, influência psicológica, uso de armas ou drogas (Código Penal Brasileiro). Ex.: jogos sexuais, práticas eróticas impostas a outros/as, estupro, atentado violento ao pudor, sexo forçado no casamento, assédio sexual, pornografia infantil, voyeurismo, etc.” (FLACSO BRASIL, 2012, p. 24). Neste quesito, os índices de acordo com a porcentagem de atendimentos femininos por violência sexual segundo relação do agressor e faixa etária apontam como principais agressores: desconhecido (32,8), amigo/conhecido (27,0), padrasto (10,5), pai (9,8). Nesse sentido, quase cinquenta por cento dos agressores são pessoas conhecidas da vítima e que estão em seu convívio doméstico, não sendo sequer necessário se deslocar a pé para que uma mulher seja estuprada, como sugere o título do capítulo em que a figura 3 se encontra “Como evitar estupro no deslocamento a pé”. Estar em casa, ser intimidada pelo uso

de armas, por meio de força física, influência psicológica, bem como ser representada no imaginário social e histórico como a culpada pela corrupção de Adão, pela perda do paraíso, como sexo frágil e que detém um corpo responsável pelo pecado masculino, bem como aquela que não pode exercer sua liberdade de caminhar sozinha ou vestir o que deseja em seu corpo já são aspectos que contribuem para a construção do imaginário de um sujeito feminino fragilizado, como fonte de pecados e culpas e que deve ser, portanto, ocultado e punido. Essa ocultação e as regras impostas ao corpo da mulher pela visão sexista, que limitam sua visibilidade e liberdade, casam com a ideia de domesticidade, que carregando o sentido de clausura, contribui para a construção da fragilidade da figura feminina em nossa sociedade.

### **Considerações Finais**

Este trabalho buscou investigar a construção da ideia de fragilidade feminina a partir dos discursos veiculados em materiais impressos correntes na cidade de Salvador, Bahia, no ano de 2013. Os dados analisados apontam para uma fragilidade construída a partir de símbolos de passividade, domesticidade, quesitos que explicam as tentativas de reposicionamento da figura feminina em espaços que subalternizam, que impedem seu desenvolvimento financeiro, sua independência financeira, autonomia, seu direito de ir e vir, espaços estes que pouco estimulam ou mesmo limitam seu desenvolvimento físico, interpessoal, intelectual, cultural e artístico. Os discursos por trás dos *outdoors*, das informações do livreto publicitário e dos trechos analisados no manual em questão, reforçam posições socialmente desvalorizadas, desqualificadas, subalternizadas dirigidas às mulheres e ao feminino em si, ocorrendo o oposto para com os homens e o masculino. Deste modo, pode-se concluir que a ideia de fragilidade feminina está ligada, não diretamente à questão física, embora as mulheres também sejam pouco incentivadas a desenvolverem-se fisicamente, desde crianças, como comentam Sardenberg e Macedo (2011) sobre as brincadeiras infantis, já discutidas no corpo deste trabalho, mas, sobretudo, liga-se toda essa construção da fragilidade feminina, não a resumindo à figura da mulher, a processos pedagógicos socioculturais e históricos de significação e construção de sentidos, de textos e discursos que reproduzem paradigmas de subalternização deste sujeito. O discurso

sexista, no seu aspecto machista, age, portanto, na construção discursiva e textual de um feminino enfraquecido em suas possibilidades de emancipação, fortalecimento de vínculos e enquanto sujeito social.

## Referências

- AYALES, I. Genero en Desarrollo: de la vivencia a la reflexicion. In: AYALES, I. et al. **Genero, Comicacion y Desarrollo Sostenible: Aportes Conceptuales y metodologicos**. Coronado, Costa Rica: IICCA: ASDI, 1996, p.13.
- DIJK, T. A. V. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2010.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2001.
- FLACSO BRASIL. **Mapa da Violência 2012 Atualização: Homicídio de Mulheres no Brasil, 2012**.
- GIL, B. D. A mulher no léxico da canção de consumo: um discurso polarizado. In: MELO, I. F. (org.). **Introdução aos estudos críticos do discurso: Teoria e prática**. São Paulo: Pontes Editores, 2012. p. 189-202.
- GOMES, I. F.; MENEZES, V.; SILVA, M. M. Sessenta anos de linguística aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: Pereira, C. R.; Roca, P. (orgs.). **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 25-50.
- WEISZFLOG, W. **Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2007.
- OLIVEIRA, L. A. Van Dijk. In: Oliveira, L. A. (org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 311-336.
- RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2013.
- SARDENBERG, C. M. B.; MACEDO M. S. **Relações de gênero: uma breve introdução ao tema**. Salvador: UFBA - NEIM 2011. p. 33-48.
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- SILVA, T. T.(org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.

Artigo recebido em: 04/06/2019

Aprovação final: 25/11/2029

DOI: <https://doi.org/10.35501/dissol.vi10.638>